

## **Atafona - Museu local de José Dimas Ávila: Memórias da emigração**

São passados quatro anos, desde que José Dimas me convidou para o ajudar a fazer um museu na sua casa. Aqui estamos para mostrar o trabalho realizado. Toda esta obra resultou do trabalho e do empenho de José Dimas e que soube rodear-se de uma equipa de artífices e de profissionais competentes de diversas artes.

A aplicação dos processos e das técnicas da museologia, (o inventário sistemático, a criação e a aplicação do conceito/ideia de exposição e de reserva visitável) e a seguir a museografia e a expografia foram trabalhos que exigiram grande empenho e rigor. Em termos práticos foi feita a aplicação, tão perfeita quanto possível, da ideia de “Coleção Visitável”, prevista na legislação para a rede de museus e colecções visitáveis dos Açores, a que está ligado: uma unidade museológica de território que conta a história do José Dimas e família na freguesia das Doze Ribeiras e nos EUA. Apresenta-se como uma organização sem fins lucrativos, podendo interagir e complementar-se com outras iniciativas de pequenos museus noutras freguesias do concelho de Angra e da ilha Terceira. Constitui uma mais-valia que tem a sua marca e desejo de participação.

Após muitas conversas com o José Dimas, pessoas nas 12 Ribeiras, em Santa Bárbara, e Estados Unidos da América, com destaque para a D. Zélia Dutra Rocha, ensaiámos, através de entrevistas de histórias de vida, a captação das memórias autobiográficas. Transmitiu-nos a visão, a imagem e a representação que as pessoas têm da realidade, seguindo a metodologia utilizada por Alberto Vieira, infelizmente já falecido, com o projecto “*Memórias das Gentes que fazem a História*” aplicado na Madeira. Conjuntamente com os objetos, estas recolhas foram decisivas para dispormos de informação, de testemunhos das vivências no mundo rural e das memórias antigas e atuais sobre esta realidade, permitindo-nos organizar o programa museológico e a seguir a museografia e a expografia.

A intervenção do arquitecto João Araújo foi fundamental. Ao inteirar-se das ideias e das intenções museológicas criou uma base de dados para o inventário, desenhou, de forma original e com grande sentido didáctico-pedagógico, os suportes, as tabelas e os painéis, que acompanhou na sua construção. Um diálogo permanente com o José Dimas, muitas vezes ausente nos Estados Unidos da América, mas sempre presente e muito interessado, disponível e carregado de informações úteis sobre as peças, a quem pertenciam e para que serviam foi decisivo.

O ponto de partida foi a existência de um edifício de dois pisos e 2 pátios murados, construídos com pedra à mostra e situados num espaço, onde antes existiam a casa e a atafona do senhor João Pavão. A Loja, (rés-do-chão) na casa de José Dimas existe a Barbearia do Pai, José Machado Meneses que, simultaneamente, serve de Recepção e de início da visita ao museu. Dispõe este espaço de pequenos textos sobre a História das Doze Ribeiras, da casa e a história genealógica de José Dimas e da sua família. Termina com informações e ilustrações que descrevem e documentam os trabalhos em que, como emigrante ganhou a vida nos Estados Unidos da América.

No edifício principal, 1.º e 2.º piso, através dos objetos expostos é contada a história das diversas atividades rurais, sob a perspetiva da sua história nas Doze e nos Estados Unidos da América. Os objectos e imagens documentam e contextualizam a agricultura, a pecuária, a viticultura, a silvicultura, a recolha de madeiras na Serra (Mato), a caça, as atividades domésticas da casa, o tear, a máquina de costura e os quotidianos da vida rural nas Doze Ribeiras. Os pátios são espaços para exposições temporárias e animação. Desde o primeiro momento percebi o amor, o empenho e o interesse em construir algo que ficasse, não só como o resultado das suas memórias, mas antevendo a sua função social e didáctico-pedagógica deste equipamento museal. Está aqui feito um grande investimento financeiro, económico e social, feito na sua casa e freguesia e sem qualquer apoio oficial. Em paralelo, sempre se disponibilizou para colaborar com a escola, o Grupo Folclórico e a comunidade e antevê a sua utilização como um recurso turístico, que pode ser rentável. Obviamente, imprescindível para a sua actualização e manutenção.

Na perspetiva da museologia, da história e da genealogia o objetivo principal foi construir uma narrativa histórica sobre José Dimas e a família e os seus ascendentes, um percurso de vida com início na freguesia das Doze Ribeiras onde nasceu e viveu até aos 21 anos e, posteriormente, como emigrante nos Estados Unidos da América, onde casou com a Eva, uma mulher de Santa Bárbara, as filhas e a neta. Na minha modesta opinião trata-se de uma iniciativa que merece reconhecimento e todo o apoio.

Podemos concluir: através de José Dimas e a sua família estão aqui representados dois mundos, geográfica e humanamente distintos: o dos Estados Unidos e o das Doze Ribeiras e Ilha Terceira, Açores. José Dimas com a sua inteligência, resiliência e sentido prático soube partilhar e interagir, destacando as raízes e as identidades, que afirma como valores e princípios a legar para o futuro.

Pretende-se, assim, que a coleção visitável, um museu local e vivo venha a ser um local de encontro e de diálogo das pessoas e das realidades económicas, sociais, religiosas e culturais dele, da sua família e das Doze Ribeiras, mas também um espaço de aprendizagem e de lazer para quem, com proveito, o visitar.

Doze Ribeiras, 10 de julho de 2019

José Olívio